

## APROFUNDAMENTO DA FICHA 2

### 2. «Simão, amas-me?». Uma simpatia arrebatadora

#### O ponto seguro de Anduela\*

*Um ano especial. Depois, de repente, a tragédia. Mas ela deu por si a vivê-la «com um alegria que contagia». Contagia até os familiares muçulmanos*

Quando, em junho, Anduela Keqi, de 18 anos, viu as pautas com as notas, exultou: nem uma única reprovação. Para ela, era o coroar de um ano muito especial, e não só do ponto de vista acadêmico. A amizade com os jovens da GS, que tinha encontrado no início do liceu quando, dois anos antes, tinha vindo da Albânia para Génova, tinha-se tornado ainda mais intensa. Uma aventura que não podia ignorar. Claro que, em casa, os pais às vezes reflagavam: estás sempre fora! Mas tinha valido a pena. Agora todos os projetos para o verão podiam avançar: as férias, o Meeting, onde nunca tinha conseguido ir, a *Equipe* em setembro...

Mas alguns dias depois, ligam-lhe para o telemóvel: «Tens que vir às urgências, o pai está mal». A corrida para o hospital e ali, a notícia: apesar do mar estar tempestuoso, o pai tinha acompanhado o sobrinho, chegado para as férias, a tomar banho. Uma onda tinha atirado o rapaz para a margem e arrastado o homem para o largo. Quando o tinham recuperado, estava quase morto. Agora, na reanimação, lutava entre a vida e a morte. Anduela não consegue acreditar: o seu pai, que tem medo do mar alto...

Na sala de espera, cheia de familiares alarmados, Anduela está desorientada. A única coisa que consegue fazer é enviar sms aos amigos mais próximos: «Rezem pelo meu pai». Lembra: «A minha família é de tradição muçulmana, mas não somos praticantes. Eu comecei a rezar desde que estou na GS. E naquele dia, pensei que era a única coisa que podia fazer: rezava por ele e também por nós, para que o Senhor nos ajudasse». Passado pouco tempo, vê chegar, ao fundo do corredor, a sua amiga mais querida, acompanhada da Marina, a professora responsável pela GS, juntamente com o marido. Dizem-lhe: «Estamos aqui contigo!». Depois, à medida que o tempo passa, a sala, o hall de entrada, as escadas do hospital, enchem-se de amigos: universitários, adultos, *giessini*. «Desde aquele momento, nunca mais fiquei sozinha». Tanto que enfermeiros e médicos se interrogam, curiosos, sobre esta “estranha” família albanesa. Foi assim durante dois dias, até quando o pai morreu de paragem cardíaca.

A dor é enorme, mas com aqueles amigos ao seu lado é claro para ela que há alguma coisa maior que vence e faz viver. Assim, nessa tarde liga para a Marina: «Eu gostava de rezar um Rosário com todos por ele. Vocês são o meu ponto seguro». No dia seguinte, a praça diante da igreja dos Emiliani está cheia. Anduela chega acompanhada de três primos. A mãe e o irmão pequeno tiveram que ficar em casa. Estão lá todos: a Marina e o padre Beppe com alguns amigos da GS, vindos de propósito das férias, os jovens do Clu, as famílias. «Senti-me querida e desejada». Entre os seus familiares, está também o primo do dia da tragédia que, »

\* Paola Bergamini, *Tracce*, outubro 2016, p. 27.

» aproximando-se do marido de Marina, diz: «Nunca tinha visto pessoas que gostassem tanto umas das outras. E até hoje nunca tinha entrado numa igreja, mas nunca vi uma coisa tão bonita. Filmei tudo, quero mostrar esta beleza na Albânia».

Poucos dias depois, Anduela, com a mãe e o irmãozinho, chegam a Lezha, a uma hora de Tirana, para o funeral. É o início de um período difícil para a jovem. À sua volta, só vê dor e choro nas pessoas que enchem a casa. Relembra: «Havia tanta tristeza, e eu pensava: “Mas o pai não era assim. Não pode ter deixado só este abatimento. Não me chega”». Não se cansa de rezar, de pedir. De Itália, os amigos não a deixam só: telefonam-lhe e enviam sms. «Não eram palavras vazias, mas alguma coisa que me enchia a vida, dando uma certeza. Pensava nos últimos quatro anos, nas coisas bonitas que me tinham acontecido. Se aquele bem tinha um sentido, também aquilo que tinha acontecido tinha um sentido. De bem para mim. A dor permanecia, mas não o desespero».

Passa grande parte do dia a cozinhar para os familiares e amigos que, como é da tradição, vêm visitá-los. Um dia um amigo da família diz-lhe: «Não pensávamos que tu fosses capaz de enfrentar a situação desta maneira. Estás alegre». É uma alegria que até ela tem dificuldade em compreender, mas que contagia. E assim uma noite, a mãe, na varanda, chama-a a ela e irmão: «Venham ver!». No horizonte, um pôr-do-sol lindíssimo ilumina ainda o céu. Em Génova, na família, troçavam um bocadinho dela porque era ela que dizia: «Olhem que belo céu! Olhem que noite estrelada». E agora, pelo contrário... «Naquela noite, a minha mãe estava contente. Tinha-se dado conta daquela beleza». E depois, quando Anduela lhe lê as mensagens italianas, a senhora comenta: «Quanta gente te quer bem!». A jovem pensa: «Também te querem bem a ti».

À medida que os dias passam, uma palavra começa a aflorar timidamente nos discursos dos amigos e familiares: Deus. «Agora o pai é Seu. Se Deus o quis, tudo isto tem um sentido». Alguma coisa aconteceu. Uma noite, Anduela liga à Marina: «A nossa família não é religiosa, ninguém vai à mesquita. Mas a determinada altura, vi a necessidade de afirmar alguma coisa que fosse para além da morte».

Um mês e meio depois, a família volta para Itália. A vida recomeça, os amigos, discretamente, não os deixam sós. Para Anduela, nada é como dantes. «É mais».